

Dow Jones cai 2,45%

FLAVIA SEKLES E

FERNANDO EICHENBERG*

WASHINGTON E PARIS – Pouco antes do fim do pregão de Nova Iorque, ontem, a placa luminosa da Bolsa de Valores anunciou que o Banco Central do Brasil acabara de fazer uma forte declaração segundo a qual os rumores de que o governo estaria prestes a deixar o real flutuar eram falsos. Imediatamente, o índice Dow Jones, que registrava uma queda de mais de 250 pontos, começou a se recuperar. Mas não foi suficiente. Quando o sino do fechamento tocou, o Dow ainda registrava uma queda de 228,63 pontos, ou 2,45%, para um fechamento de 9.120,93. Outros índices também caíram: o Nasdaq, 1,73%, e o S&P 500, 1,80%.

O impacto imediato do anúncio é forte indicador da preocupação que permanece nos mercados americanos, em relação à estabilidade do Brasil. Mas muitos outros fatores também provocaram nervosismo nos Estados Unidos ontem, entre os quais o início do julgamento do impeachment do presidente Bill Clinton em Washington, e anúncios de lucros abaixo do esperado por empresas americanas como a Eastman Kodak, que viu suas ações caírem mais de oito pontos para 70 1/2 (cada queda de um ponto num dos componentes do Dow leva a média do índice a cair quatro pontos).

Ranking do desastre – A queda é a nona pior em termos de pontos na história do Dow, mas percentualmente não foi significativa.

Analistas estavam extremamente incertos sobre o que acontecerá no Brasil nos próximos dias. Todos lembravam ontem que o México, a Tailândia e a Rússia também prometeram, quando tentaram fazer desvalorizações controladas, que não deixariam suas moedas flutuar, e depois não conseguiram segurar a barra. “Enquanto o caso do Brasil pode ser a primeira exceção à regra, a situação é extremamente preocupante,” disse ontem ao **JORNAL DO BRASIL** um analista de uma instituição multilateral em Washington. “Ninguém sabe o que vai acontecer, e está todo mundo de dedos cruzados para que não seja o pior.”

Mercados europeus – Governos, empresas e bancos europeus trataram ontem de apagar o fogo e avaliar os estragos provocados pelo incêndio de proporções amazônicas produzido pela crise brasileira. As bolsas européias amargaram um típico dia de ressaca depois das fortes baixas registradas na quarta-feira. Londres, Frankfurt e Madri fecharam mais uma vez com índices negativos: -0,51%, -0,39% e -0,19%, respectivamente. Paris assinou uma alta simbólica de 0,97%.

O discurso das empresas com volumosos investimentos no Brasil, na dianteira da queda das bolsas na última quarta-feira, se assemelhava no dia de ontem. Procurados pelo **JORNAL DO BRASIL**, tanto a Renault como o grupo Carrefour repetiram o mesmo estribilho: “Nossos interesses no Brasil visam o longo prazo. Não será uma conjuntura econômica momentânea que nos fará alterar o rumo dos negócios”.

Depois de ver suas ações recuarem 7,3% na Bolsa de Paris, na quarta-feira, o Carrefour diminuiu ontem a queda para 3,5%. Com 59 hipermercados no Brasil, e mais a recente compra das Lojas Americanas – via Comptoirs Modernes –, a direção do grupo se diz otimista. “Estamos no país desde 1975 e já vimos coisas piores. Só saberemos o tamanho da atual crise quando fecharmos o quadro de resultados no final de 1999”, disse Christian D’Oleón, responsável pela comunicação do grupo em Paris.

A Renault, recém-instalada no país, se absteve de qualquer comunicado oficial sobre o quadro de crise no Brasil. Um dirigente da empresa limitou-se a engrossar o coro dos que esperam “para ver no que vai dar”.

“É verdade que existe uma crise que a venda de carros diminuiu no Brasil. Mas já vivemos situações semelhantes, como na Turquia, por exemplo”, observou.

Ontem ainda, o embaixador brasileiro em Paris, Marcos Azambuja, almoçou na sua residência com o secretário de Comércio Exterior do governo francês, Jacques Dondoux, que esteve no Brasil para a inauguração da montadora da Renault. No indigesto cardápio, é claro, estava a crise brasileira.